

Práticas Umbandistas: revelando as territorialidades dos centros de umbanda na cidade de Dourados-MS

Umbandist Practices: revealing the territorialities of umbanda centers in the city of Dourados-MS

Gesliane Sara Viera Chaves – UFGD
geise_sara@hotmail.com

Marcos Leandro Mondardo – UFGD
marcosmondardo@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo tem por finalidade analisar o território da Umbanda na cidade de Dourados, compreendendo suas simbologias, rituais, médiuns e frequentadores. Demonstraremos, para isso, o funcionamento dos centros, as territorialidades dos terreiros, as simbologias, a infraestrutura, a localização, as condições sociais dos frequentadores e as contradições sociais na comparação dos centros.

Palavras-chaves: Umbanda; terreiros; territorialidades.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the territory of Umbanda in the city of Dourados, including its symbologies, rituals, mediums and goers. We will demonstrate, for this, the functioning of the centers, the territoriality of the terreiros, the symbologies, the infrastructure, the location, the social conditions of the visitors and the social contradictions in the comparison of the centers.

Keywords: Umbanda; terreiros; Territoriality.

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a territorialidade dos terreiros de Umbanda na cidade de Dourados-MS. Observando/explorando as relações sociais existentes nos terreiros, buscamos compreender a territorialidade religiosa por meio das práticas umbandistas.

A presente pesquisa foi desenvolvida durante meados dos anos de 2015 até 2016, na cidade de Dourados. Foram escolhidos sete centros de Umbanda para serem analisados: a localização; a infraestrutura; os rituais; as simbologias; médiuns e frequentadores. Para isso, utilizou-se de revisão e aprofundamento bibliográfico sobre Umbanda e os conceitos de território e territorialidade, além de um denso trabalho de campo (GEERTZ, 2008), seja na vivência, diálogos e entrevistas com

médiuns e frequentadores de terreiros¹ localizados em distintos bairros na cidade de Dourados.

Territórios são, segundo Souza (2003, p. 81), espaços construídos e desconstruídos em diversas escalas espaciais e temporais, desde uma rua, casa, templo, cidade ou país podem ser considerados territórios espaciais, territórios temporais têm diversas escalas, desde séculos, décadas, anos, meses ou dias, esses territórios podem ser permanentes ou cíclicos.

Neste trabalho o território será compreendido enquanto terreiro ou centro de umbanda, espaço delimitado a partir de relações de poder, e como suas práticas são articuladas, a territorialidade baseia-se no comportamento das pessoas e na rede de lugares de mobilidade (BONNEMAISON, 2002), ou seja, que delimita e circunscreve pelo ir e vir no espaço religioso como ocorre pelo funcionamento das giras dos centros, rituais particulares e convívio dos médiuns e frequentadores da casa. Segundo Corrêa & Rosendahl (2003, p.195):

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território.

Com isso procuramos caracterizar as manifestações da Umbanda junto à sociedade e seu espaço, observando as relações sociais entre zeladores, frequentadores e médiuns.

Materiais e Métodos

Dentre os procedimentos metodológicos usados na pesquisa, destacam-se as seguintes etapas: a) Revisão bibliográfica: no referencial bibliográfico foram utilizados livros, dissertações, monografias e artigos, de autores de áreas como da antropologia, sociologia, história e geografia e autores umbandistas; b) Levantamento de dados: as pesquisas de campo ocorreram em sete centros de

¹ O termo terreiro é muito usado pelos umbandistas e também não-umbandistas, os umbandistas que conversei, informaram que o termo terreiro se originou dos batuques dos escravos, que eram longe da Casa Grande e no chão de terra batido, assim surgiu o termo e permanece atualmente, porém com uma nova roupagem: os terreiros são casas/salões onde se realizam a gira/culto. Outros termos vão surgir no decorrer do texto, como: centro, tenda e casa. Esses também são definições para o espaço das giras/cultos

Umbanda, sendo, a Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum Guerreiro (Mãe Nice), a Tenda de Umbanda Cabocla Jandira e Zé Pilintra (Mãe Nadir), a Tenda de Umbanda (Mãe Leda), a Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá (Pai Tião), a Tenda de Umbanda de Cabloco Oxóssi (Mãe Nely), o Templo de Umbanda Caboclo Girassol (Pai Willian) e a Tenda Ile Axe Eia Omo Afefe (Mãe Tereza). Nos centros procuramos fotografar, observar as giras e dialogar com médiuns, pais/ mães de santo e frequentadores.

c) Análise dos dados

Com base nas imagens (centros, símbolos, médiuns e da gira), observações e diálogos (pais/mães de santo, médiuns e frequentadores), buscamos realizar uma descrição densa para analisar a territorialidade destes centros de Umbanda.

O que é a Umbanda?

Dizer que a Umbanda é uma religião sincrética não explica tudo (MAGNANI, 1986 p.13). A Umbanda não é um processo de modificação dos antigos cultos africanos banto-sudanesa² ou do espiritismo Kardecista³, e sim um resultado do processo de transformação histórica e geográfica de ritos, mitos e símbolos que adquiriram novos significados.

Diria que é uma conjuntura do Candomblé, do espiritismo Kardecista, do Catolicismo e da cultura indígena, que acabou gerando essa religião sincrética e mística (MAGNANI, 1986 p.13). O principal marco da Umbanda é a possessão, que é visto como algo maléfico e profano, porém a Umbanda trabalha com essa possessão para tentar fazer o bem, como diz Birman (1985, p. 15) “A umbanda, que cultiva a possessão como algo benéfico, evidentemente, pensa e age diferente”. Ao invés de expulsar as entidades sobrenaturais, consideradas necessariamente malélicas pelos cristãos, adota outro lema: conviver com elas. A

² Esta base cultural refere-se necessariamente aos grupos de escravos trazidos da África ainda no período colonial. Assim podemos pontuar os lorubas ou Nagôs e suas subdivisões Queto e Ijexá – Jejê, Fanti-aschante que são algumas nações do chamado grupo Sudanês; Angola, Congo, Cabinda, Benguela, Moçambique, do grupo Banto; Haussa, Peul, Mandinga, Tapa, do grupo islamizado (MAGNANI, 1992, p. 15).

³ É uma doutrina que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. Toda a crença espírita se baseia nos cinco livros da Codificação Espírita – O livro dos Espíritos, O livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese - escritos por Allan Kardec (supostamente psicografados, ou seja, narrado por espíritos e escritos através do decodificador). (RIBEIRO, 2012, p. 16).

possessão/incorporação é tratada no espiritismo como uma forma de ajuda para o médium e para o guia, através dela os guias⁴ protetores cumprem o seu carma e fazem o bem para o próximo e o médium trabalha sua mediunidade cumprindo o verdadeiro objetivo da Umbanda (Amor e Caridade). Desta forma a incorporação é indispensável para a Umbanda, o que a difere de outras religiões.

Outro item relevante da religião é cultuar os orixás, que é uma herança dos antigos cultos africanos. Na Umbanda esses Orixás são divididos em sete linhas, sobre essas linhas: “O que é interessante reter é a ideia de linha. Cada Orixá é concebido de uma maneira, com algumas qualidades e ligado a um domínio específico da natureza” (BIRMAN, 1975 p. 33).

São essas sete linhas: Oxalá, Iemanjá, Oxóssi, Xangô, Oriente, Africanos ou Pretos- velhos e Ogum. A partir dessas linhas, as entidades são subdivididas em falanges, ou seja, agrupadas em linhas de acordo com suas afinidades intelectuais e morais, origem e estágio de evolução espiritual no astral, contudo ainda existe outra categoria de espíritos, os “Exus”, conforme Magnani (1986, p. 34):

Todos esses espíritos, contudo, são considerados de luz, em contraposição às entidades das trevas, que ocupam os últimos escalões na hierarquia espiritual; os *exus* e *quimbas*. Estes são espíritos de mortos, as *almas penadas* na tradição do catolicismo popular, ainda muito próximos da matéria, e não provocam transe, mas “obsessões” nas pessoas em que encostam, devem ser identificados e em seguida doutrinados para iniciarem seu processo de evolução espiritual.

Na mitologia nagô, a entidade Exu simboliza o princípio da energia vital e a mobilidade no universo, para identificar os umbandistas usam a figura do diabo, e seu associado feminino é a Pomba-gira ou em alguns terreiros, bombogira que é um termo de origem banto-sudanesa.

A umbanda admite os cultos para os Exus, porém eles prestam cultos a eles em um dia reservado e repleto de cuidados simbólicos, pois os mesmos são vistos como pertencentes ao reino de esquerda (Quimbanda), enquanto os demais Orixás como reino de direita (Umbanda). A Quimbanda é o que restou da macumba, depois da purificação umbandista, na Quimbanda se realiza os trabalhos mais pesados, com sacrifício de animais, cabelo e unhas humanos, terra de cemitério.

Vejamos, assim, como se espacializa os terreiros de Umbanda na cidade de Dourados.

⁴ Os guias espirituais são aqueles que acompanham e orientam o médium nos seus trabalhos.

Terreiros de Umbanda na cidade de Dourados

A presente pesquisa, como já afirmamos, foi desenvolvida durante meados dos anos de 2015 até 2016, na cidade de Dourados, e foram escolhidos para análise sete terreiros de Umbanda: Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum Guerreiro (Mãe Nice), Tenda de Umbanda Cabocla Jandira e Zé Pilintra (Mãe Nadir) Tenda de Umbanda (Mãe Leda), Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá (Pai Tião), Tenda de Umbanda de Cabloco Oxóssi (Mãe Nely), Templo de Umbanda Caboclo Girassol (Pai Willian) e Tenda Ile Axe Eia Omo Afele (Mãe Tereza), conforme demonstramos na figura 1.

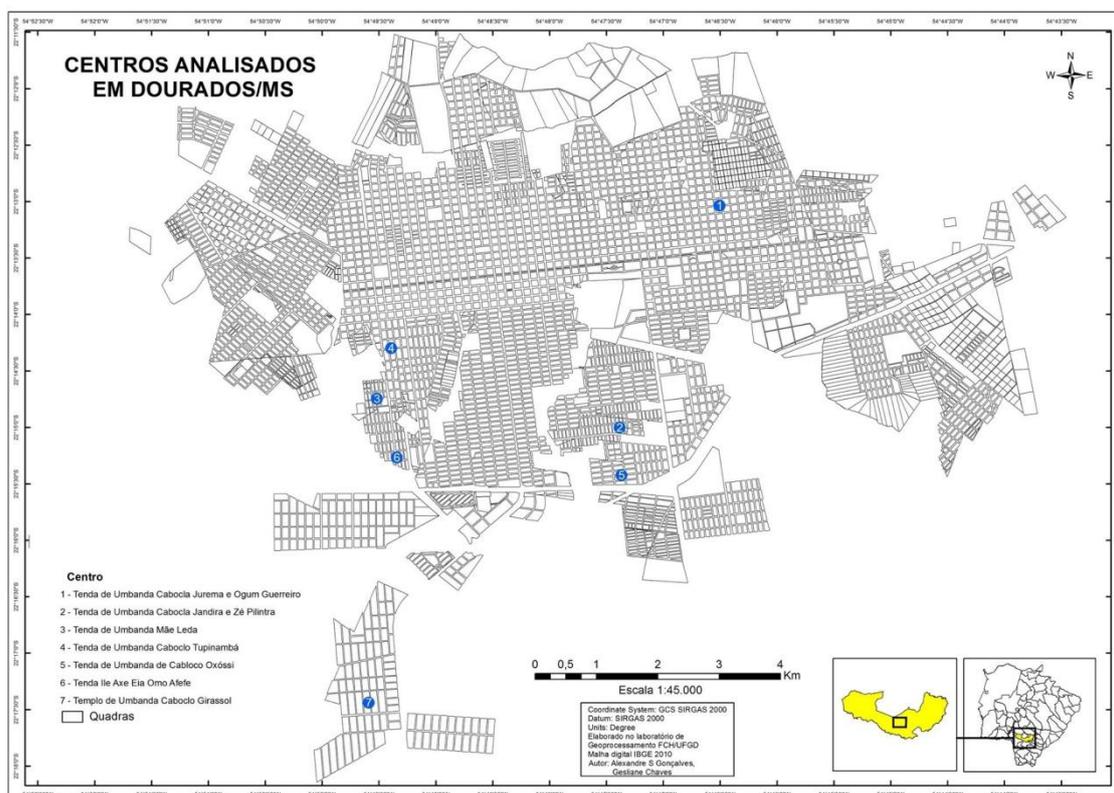


Figura 1: Centros de Umbanda na cidade de Dourados/MS.

Faremos, assim, a seguir, uma descrição densa dos centros de Umbanda analisados para demonstrar as práticas religiosas desenvolvidas nesses territórios.

A Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum guerreiro está localizada na Rua Paissandú, número 1530 na vila Cuiabá. O bairro onde está localizado o centro

não é uma periferia, porém não chega a ser um bairro nobre, caracterizando, assim, com um bairro antigo. Próximo ao centro localiza-se uma rua movimentada de lojas (Vizzali calçados), mercados (Supermercado Pérola) e outros tipos de comércio. Quando mãe Nice fundou seu centro há trinta anos (na década de setenta) era apenas um bairro simples e com poucos comércios, com o passar dos anos a rua lateral ao centro (Rua Monte Alegre) ganhou vários comércios e se tornou via de fluxo de moradores, que cruzam os bairros e vão em direção à área central da cidade.



Figura 2: Fachada da Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum guerreiro. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

A gira no centro Cabocla Jurema e Ogum guerreiro são na sexta-feira a partir das 19 horas e 30 minutos, cada semana é gira de uma linha/entidade. A zeladora⁵ segue sempre uma ordem: caboclos, baianos, exu e pomba gira, ciganos, pretos velhos. O centro da mãe Nice é movimentado tanto de médiuns, como assistência. Muitos médiuns de outro centro visitam e trabalham⁶ no centro da mãe Nice. Os médiuns da casa são poucos, porém sempre tem visitantes na gira.

O centro é simples, estrutura antiga, possui uma área ampla onde se encontram os atabaques, o altar, algumas imagens e onde acontecem as giras, a assistência/visitantes fica de frente a essa área sentadas em antigos bancos de madeira.

⁵ Na umbanda o (a) sacerdote recebe várias nomeações como: mãe/pai de santo, madrinha, zeladora, entre outras.

⁶ Quando aparece o termo “trabalhar”, significa receber as entidades, ou seja, incorporar. E diz trabalhar porque as entidades vêm com esse objetivo, trabalhar para o bem.



Figura 3: Gira de caboclo da Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum guerreiro. Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Na figura 3 é possível ver crianças indígenas participando da gira. Nesse centro há duas famílias de indígenas, uma família da Terra Indígena Panambi e a outra da Aldeia Bororó. A família que reside na Aldeia Bororó atravessa a cidade de bicicleta a noite para participar dos rituais.

Em diálogo com uma das médiuns da casa, *Guisila (indígena Kaiowá 15/01/2016)*, questionamos como ela e sua família chegou até a Umbanda:

Eu era crente há 15 anos, aí perdi meu esposo, filho e filha.
A vida não tinha mais jeito, uma amiga me convidou para conhecer e gostei me senti bem.
Larguei de mão a igreja, não acreditava mais no pastor, ele não gostou de eu sair da igreja.
Sai de casa, lembrava dos meus filhos, marido que mataram, comecei tudo de novo.
Amiguei com um homem, ele aceita minha religião e vem comigo.
Hoje sou muito feliz.

Quando perguntamos como seus entes morreram, ela disse “conflitos, brigas”, mandaram matar seu marido por conta de conflitos/dívidas, o filho e a filha se envolveram com crime e assassinaram os dois. Para dona Guisila, a Umbanda ajudou a retomar sua vida, ela reconstituiu família e todos frequentam a casa.

Outro terreiro, a tenda de Umbanda Cabocla Jandira, está localizada na Rua Aniversário Alves Siqueira, número 3015 no Conjunto Habitacional Terra Roxa. O bairro é um conjunto habitacional, de casas pequenas, onde a grande maioria já é reformada e ampliada, além de ruas estreitas e presença de pouco comércio. O

centro fica próximo a pontos importantes da cidade, como: Unidade de Pronto Atendimento, Estádio Douradão e DETRAN. Não é um bairro nobre, nem um bairro periférico, há casas de alto padrão e outras modestas, como é o caso da residência da mãe Nadir.

O centro da mãe Nadir é junto a sua casa, um cômodo pequeno e simples e sem fachada, passando em frente à residência não se percebe que tem um centro ali.



Figura 4: Fachada da Tenda de Umbanda Cabocla Jandira e Zé Pilintra. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

O centro de Umbanda Cabocla Jandira e Zé Pilintra, fica próximo a outro terreiro pesquisado (Tenda de Caboclo Oxóssi), e conforme relatos existem mais três centros nas proximidades. A fachada do centro é escondida, diferente do centro da Mãe Nice que tem um centro maior e fácil de ser visualizado. Como o centro da Mãe Nadir é anexo à sua residência, não é tão fácil encontrá-lo. Embora não seja a intenção da mãe esconder seu centro, e sim por falta de espaço e recursos financeiros, pois a mesma habita um conjunto habitacional (Terra Roxa) da cidade, onde as casas são próximas e pequenas.

Na casa da mãe Nadir há poucos médiuns da casa, mas a casa está sempre cheia, pois recebe muitos visitantes de outros centros. Muitos frequentadores da

casa da mãe Nice também vão à casa da mãe Nadir. Os visitantes vêm de diversos bairros da cidade e de municípios vizinhos, como o de Itaporã.

As giras do centro Cabocla Jandira e Zé Pilintra acontecem na terça-feira às 19 horas e 30 minutos, com duração em média de três horas (dependendo do número de entidades, visitantes e atendimentos). O centro é pequeno e a estrutura antiga, é composta por um altar, atabaques e um espaço para a assistência, com bancos de madeira e cadeiras de plástico, assim como na casa da mãe Nice. Durante as giras o espaço fica cheio e apertado, sobrando apenas alguns espaços para passar/transitar.



Figuras 5 e 6: Gira de caboclo da Tenda de Umbanda Cabocla Jandira e Zé Pilintra. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

Nas imagens é possível perceber o fluxo de médiuns e o pequeno espaço para os mesmos. Médiuns da casa dividem espaço com médiuns de fora, que vem de outros centros de Umbanda e de Candomblé.

A tenda de Umbanda da Mãe Leda é outro centro localizado na cidade de Dourados, na Rua Getúlio Vargas, número 530, no conjunto habitacional COHAB II.

O centro está localizado em um bairro na periferia, porém com casas amplas e de alto padrão, próximo a uma via de muito fluxo e vários comércio. A casa é fechada até na entrada e quase impossível saber que existe um centro naquele local. Durante as giras abre se apenas o portão e aumenta o fluxo de pessoas.



Figura 7: Fachada da Tenda de Umbanda da Mãe Leda. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

O centro da mãe Leda é o que menos ofereceu material de pesquisa. As giras são fechadas e o público só entra no interior do centro após iniciado os trabalhos e por meio de senha (ordem de chegada). A mãe de santo estava sempre ocupada no centro, durante as pesquisas de campo, os médiuns todos incorporados, as informações contidas nesse trabalho são com base nos diálogos de visitantes e de um filho de santo da casa que permitiu citar o centro nesse trabalho.

A gira no centro da Mãe Leda é na sexta-feira, às 18 horas e 40 minutos. A mãe da casa segue uma ordem de dias para cada entidade: gira de Exus e Pomba gira; Pretos velhos; Ciganos e Caboclos. A gira inicia com apenas os médiuns e mãe de santo dentro do terreiro, só depois de aberto os trabalhos e apenas com luz de velas. Os visitantes chegam cedo para pegar senha e são atendidos por ordem de chegada.

Quando questionado o porquê de iniciarem a gira sem os visitantes, um dos visitantes relatou: “alegam que o espaço é pequeno e pouco ventilado e que muitos

visitantes tomam muito tempo das entidades”. Assim, os trabalhos encerravam muito tarde.

Outro centro, a Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, está localizada na Rua Clovis Beviláqua, número 408 no jardim Maringá. Fica próximo ao terreiro da mãe Leda e vizinho de bairros periféricos. O centro é anexo à residência do pai Tião, espaço amplo, contendo altar, atabaques e assentos mais sofisticados em comparação com os outros centros.

A casa tem muitos médiuns e recebe muitos visitantes vindos de bairros próximos (jardim Clímax, Coab II, Jardim Itália) e distantes (Vila Rosa, Izidro Pedroso). Em conversas com visitantes, muitos relataram ir sempre as giras tomarem passe/benção dos médiuns da casa e que se sentem bem lá.



Figura 8: Fachada da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

O centro de Umbanda Caboclo Tupinambá começou a ser construído em 1980, pelo pai Tião. As giras acontecem às sextas-feiras às 19 horas e 30 minutos. Pai Tião divide os dias de gira para cada entidade, na primeira sexta-feira do mês, ele faz gira de exu e pomba gira e nas outras sextas-feiras gira de caboclo e baiano. Na gira de caboclo e baiano, ele recebe os caboclos e depois os baianos.

Diferentemente dos outros centros, os visitantes não tem o livre acesso as entidades, o cambono chama a assistência para um passe coletivo, o centro do pai Tião recebe muitos visitantes e se todos tiverem atendimento privado com as entidades, a gira acabaria muito tarde.

A Tenda de Umbanda Caboclo Oxóssi está localizada na Rua das Nogueiras, número 502, no Parque dos Bem-te-vi. Está localizado próximo ao centro da mãe Nadir, em um bairro novo nas proximidades da BR-163. O centro é simples e pequeno e anexo à residência. Contém altar, os atabaques e poucos bancos de madeira para os visitantes sentarem.



Figura 9: Fachada da Tenda de Umbanda Caboclo Oxóssi. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

O centro de Umbanda Caboclo Oxóssi tem 20 anos e foi construído pela mãe Nely e o seu ajudante de terreiro, pai pequeno Wilson. Eles começaram a construir juntos e permanecem juntos até hoje. A gira no centro da mãe Nely é no sábado, às 20 horas e 30 minutos.

O centro tem muitos médiuns da casa, porém poucos visitantes, mãe Nely relatou não aceitar qualquer pessoa que apareça para trabalhar, apenas convidados dela. Ela diz que pessoas não confiáveis trazem energias ruins para o local. Os médiuns da casa são moradores dos bairros vizinhos e membros da família, poucos visitantes aparecem apenas convidados dos médiuns do centro, mãe Nely diz ser muito seletiva quanto às visitantes da casa.

Poucos visitantes comparecem na gira do centro Caboclo Oxóssi, devido ao centro ser em um bairro afastado e a mãe Nely ser mais conservadora quanto aos visitantes. As giras do centro não têm horário definido para acabarem, os médiuns do centro moram nas proximidades e são amigos, após a gira permanecem

conversando, bebendo e comendo, sendo assim não fazem questão de terminar o culto em curto tempo.

A Tenda Ile Axe Eia Omo Afefe está localizada na Rua Projetada G, sem número, na Vila Cachoeirinha. A residência está localizada em um bairro periférico. O centro é estreito e junto a casa, o espaço é pequeno e simples, com um altar, os atabaques e algumas cadeiras de plástico e bancos de madeira para os visitantes sentarem. O centro não possui fachada apenas uma placa, oferecendo serviços de leitura de búzios e tarô.



Figura 10: Fachada da Tenda Ile Axe Eia Omo Afefe. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

O centro Ile Axe Eia Omo Afefe foi construído pela mãe Tereza e pelo seu marido e cambono Jair, ela está na Umbanda há 40 anos, mas o seu centro em Dourados tem em média 20 anos. A mãe reabriu o seu centro há pouco tempo, ela tinha fechado por motivos pessoais e para se dedicar ao Candomblé, religião que ela estava se formando (desenvolvendo na religião).

Ao reabrir o centro, ela voltou a trabalhar na Umbanda, mas se divide entre giras de Umbanda e giras de Candomblé. Por ter fechado o centro por um tempo, ela não tem médiuns na sua casa, apenas médiuns visitantes, o que não significa que a casa é vazia. Médiuns e zeladores vêm de outros centros para trabalhar com mãe Tereza.



Figura 11: Gira na Tenda Ile Axe Eia Omo Afefe. Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Outro centro, o Templo Girassol está localizado na Rua Corredor público 11, lote 12, quadra 26, na sítio Campina Verde.



Figura 12: Vista de cima do Templo Girassol. Disponível em: <http://www.williangirassol.com.br/conteudo/templo-girassol.html>

O templo Girassol foi construído recentemente pelo pai Willian, em média de três anos de existência, o centro está localizado em uma área rural e afastado do perímetro urbano de Dourados. Dentre os terreiros visitados o templo Girassol é o maior, ele conta com duas áreas de gira, ou seja, um salão para linhas de direita e outro salão para linhas de esquerda, estacionamento, além de uma loja de artigos religiosos anexada ao templo.

O centro também é anexo à residência do pai de santo, mas diferentemente dos outros centros que são extremamente humildes o templo Girassol é luxuoso e

amplo ventilado com aparelhos de ar condicionado, não tem altar, as imagens de santos/orixás ficam do lado de fora do centro, pois são imagens grandes. Quanto aos assentos, são feitos de madeira nobre e trabalhada. Os médiuns moram em diversas áreas da cidade, o público que frequenta são pessoas de classe média e alta.

Uma notável diferença dos outros centros é o estacionamento, nos outros centros, muitos dos médiuns se locomovem de bicicletas, motocicletas e carros populares enquanto que o estacionamento do Templo Girassol é repleto de carros de marcas importadas e camionetes. As giras no centro são as segundas, quintas e sábados às 19 horas e 30 minutos, com término definido para às 22 horas e 30 minutos.

O centro tem muitos médiuns e recebe muitos médiuns visitantes. A assistência também é ampla, por ser um centro muito divulgado, com site, lojas de artigos religiosos e canal no *youtube*, muitas pessoas vem para conhecer o templo e suas estátuas dos orixás em tamanho real (estátuas de dois metros de altura).



Figura 13: Gira de Exu e Pomba gira do Templo Girassol. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

Nesta gira de exu e pomba gira é nítida a diferença de infraestrutura deste centro para os demais. Enquanto nos outros centros o altar era pequeno com algumas imagens (com menos de 90 centímetros) no templo as imagens são em tamanho real (2 metros), como aparece (figura 13) a pomba gira “Sete Saias” e o

exu “Tranca Rua”. As paredes, o teto, e o assoalho ornamentados de acordo com as cores das entidades de esquerda (preto, vermelho e dourado).

Quanto aos médiuns também é notável a dessemelhança, enquanto nos outros centros muitos usavam trajes normais do dia a dia, o templo Girassol os médiuns usam camisetas de uniforme (com o logotipo do Templo Girassol) e saias enfeitadas e de tecidos nobres. Os sacerdotes usam uma faixa dourada, que simboliza a riqueza do exu do “Ouro”, um das principais entidades da casa. As relações entre os frequentadores também é diferente, muitos procuram o centro, realizam suas preces/ajuda e vão embora, ficando assim só os médiuns da casa no final do ritual. Ao contrário dos outros centros que todos se reconhecem/conhecem do (e) outros centros.

Considerações finais

Com base na comparação dos centros é possível perceber que os centros se assemelham entre si, as simbologias, os objetos o ritual. Dos centros analisados (sete), percebe-se que os objetos sagrados (adjá, velas, roupas, imagens, bebidas, entre outros) possuem a mesma finalidade “cultuar os santos/orixás”, o que difere os seis primeiros centros do último (Girassol) são os objetos deslumbrantes. Se nos outros centros os acessórios, adornos, vestimentas são simples e discretos, no templo Girassol tudo é majestoso, dourado e brilhante.

O mesmo acontece quanto à infraestrutura do local, enquanto nos outros centros o nome de registro é tenda, no último é templo o que remete a uma grandiosidade, que acontece de fato. O templo mais parece uma mansão do que um salão religioso (lembrando igrejas luxuosas de outra religião), ambiente arejado, ornamentado de cores e texturas, uma bela entrada de elementos naturais e artificiais, imagens de orixás em tamanho real e estacionamento próprio. A espacialidade do estacionamento também é outra, muitos carros importados e camionetes, diferente dos outros centros que não contem estacionamento e os visitantes estacionam os carros e motos na rua, muitas bicicletas ocupam o pátio dos centros que recebem pessoas humildes. Esse centro fica afastado da cidade e de difícil acesso, logo, apenas quem tenha condução consegue visitar/frequentar o centro, uma pessoa que dependa do transporte público ou de bicicletas não

consegue chegar até o centro (em média 15 km de distância do centro de Dourados).

Quanto aos frequentadores observa-se a diferença social, os médiuns do centro Girassol chegam com a família, sempre bem trajados e em automóveis, nos demais centros os visitantes trajam roupas mais simples, a presença de bicicletas e motocicletas é maior que a de automóveis.

Com relação à frente dos centros são evidentes suas semelhanças, as fachadas são ocultas e de difícil visualização. É quase impossível saber onde se encontram os centros de Dourados transitando pela cidade, pois os mesmos sempre são anexos às residências e não possuem nenhuma indicação de que ali se localiza um terreiro, diferente de outras religiões, nas quais as igrejas, templos são visíveis e imponentes. Isso se dá principalmente pelo pré-julgamento das pessoas para com a religião.

A Umbanda é vista como uma religião profana, que não tem um Deus, da qual faz ritual de sacrifícios de animais de forma violenta/tortura, que recebe espíritos maus a fim de fazer coisas ruins, que faz trabalhos de maldades para os outros e principalmente que cultua um “demônio”. Mas poucos sabem verdadeiramente qual o objetivo da Umbanda (Amor e Caridade) e até mesmo essas pessoas que frequentam os terreiros não dizem abertamente a todos que são umbandistas, muitas vezes por medo dos julgamentos alheios ou vergonha de serem taxados como “macumbeiros”⁷. Consideramos, assim, que a Umbanda é uma religião encantadora e admirável, digna de ser entendida/valorizada antes de ser julgada. Por isso, a necessidade, no âmbito da Geografia como das demais Ciências Sociais, de outras pesquisas para um mergulho nesse mundo religioso.

Referências

BIRMAM, Patrícia. *O que é Umbanda?*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (org.). *Geografia Cultural: Um século (3)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

⁷ Na visão das pessoas preconceituosas os macumbeiros são pessoas más e que cultuam demônios. Já para o umbandista ser macumbeiro é ser espírita, fazer o bem através do espiritismo, frequentar centro de Umbanda.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à geografia cultural*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011. 224p

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAGNANI, José G. C. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

SACK, R. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SOUZA, Marcelo José Lopez de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 5 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, pp. 77-116.

Artigo recebido em 21 de novembro de 2016

Avaliado em 02 de abril de 2017

Aceito em 25 de abril de 2017

Publicado em 15 de maio de 2017